

UM MODELO DE ESPADA CRIADO PELOS PORTUGUESES NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XV?

Henrique Seruca

M.D., PhD

serucahenrique@gmail.com

Mário Jorge Barroca

FLUP - DCTP / CITCEM - UP

mbarroca@letras.up.pt

ABSTRACT

Up until now, all international arms and armour specialists have considered that swords with double guard were created in Iberia in the end of 15th century and used till the middle of 16th century. Five Portuguese iconographic documents, three religious sculptures and two sculptured tombs with dated epigraphic friezes, show that this sword model already existed in Portugal before 1440. These examples suggest that this sword model can possibly have been created in Portugal in the first half of the 15th century.

Keywords: sword, double guard, medieval epigraphy.

RESUMO

A espada de guarda dupla, dita “espada carangueja”, tem sido considerada por todos os especialistas internacionais em armaria como uma invenção dos finais do século XV, com origem na Península Ibérica. O seu uso perdurou até meados do século XVI. A observação de documentos iconográficos portugueses da primeira metade do século XV - três esculturas religiosas e dois túmulos com jacentes e epígrafes datadas -, pôs em evidência que este modelo de espada já existia em Portugal antes da década de 40 do século XV. Estes exemplos sugerem a possibilidade de este modelo de espada ter sido criado em Portugal na primeira metade do século XV.

Palavras chave: espada, guarda dupla, “espada carangueja”, epígrafes datadas.

Nos modelos mais antigos e arcaicos de espadas, a transição entre a zona da lâmina e a área da empunhadura não apresentava elemento transversal à lâmina, destinado a defender a mão do guerreiro de um golpe desferido por espada adversária, se esta deslizesse pela lâmina e atingisse o punho. O reconhecimento desta fragilidade levou ao aparecimento de pequenas protuberâncias metálicas na transição entre o punho e a lâmina, destinadas a estancar o movimento da lâmina adversária e a proteger a mão do guerreiro. Com a evolução, essas saliências foram ganhando dimensão e acabaram por dar origem a uma peça metálica autónoma, de desenvolvimento transversal em relação à lâmina e ao punho, que passou a designar-se *guarda*. Para tanto, a lâmina de uma espada passou a ter uma *espiga*, um eixo metálico que a prolongava na sua zona da retaguarda da

superfície cortante, no qual se encaixava a *guarda* e, depois, sucessivamente, o *punho* e o *pomo*. O conjunto das peças era, depois, encerrado com o *botão*, soldado ou cravado.

Ao longo dos tempos, as guardas foram aumentando de tamanho. Os gládios romanos apresentavam guardas pequenas, de escasso desenvolvimento. O mesmo acontecia com as espadas da Antiguidade Tardia embora já se detecte uma tendência para as guardas se alargarem, como se pode verificar na espada vândala procedente do Convento de St^a. Clara de Beja, que se conserva no Museu Regional Rainha D. Leonor, em Beja¹, ou na espada suévica (?) de Conimbriga, que se expõem no Museu Monográfico de Conimbriga².

No mundo ocidental, ao longo da Idade Média, essa protecção da mão aumentou de dimensão e adoptou diferentes configurações³. Na maior parte dos casos, as guardas eram rectas ou tendencialmente rectas. É o caso da espada de Fernando III de Leão e Castela (Fernando *o Santo*), falecido em 1250 (Tesouro da Catedral de Sevilha), da espada de D. Fernando de La Cerda, falecido em 1275 (Mosteiro de Las Huelgas Reales de Burgos) ou da espada de D. Juan de Tarifa, falecido em 1319 (Tesouro da Catedral de Toledo). Mas também as houve levemente arqueadas, com curvatura sobre a lâmina, como se pode ver na espada de Sancho IV de Castela, falecido em 1295 (Tesouro da Catedral de Toledo)⁴.

Entre nós, as guardas também conheceram soluções rectas, como é o caso de uma espada dos finais do século XIII ou do primeiro quartel do século XIV, procedente da Igreja de S. Nicolau de Santarém, que se conserva no Museu Militar de Lisboa (MML, S/Inv.), provavelmente oriunda do túmulo de Fernão Rodrigues Redondo (nobre falecido em 1324). Mas, a par desta tendência encontramos outras espadas que ostentam guardas arqueadas, como se pode ver num fragmento de proveniência desconhecida, correspondente a toda a zona de empunhadura de uma espada (pomo, punho, guarda e arranque de lâmina), que se conserva no mesmo Museu Militar de Lisboa (MML, S/Inv.)⁵.

Em todo o caso, as guardas rectas parecem ter sido predominantes no Portugal mediéxico. A escultura de D. Afonso Henriques, procedente da Ermida de S. Miguel da Alcáçova de Santarém, que hoje se expõe no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa, representa o monarca empunhando uma espada de guardas rectas⁶. As espadas representadas nos dois relevos do Claustro da Sé de Évora, que apresentam cavaleiros e que, usualmente, se costumam associar a Geraldo Geraldes, *o Sem Pavor*, ostentam igualmente guardas rectas. É ainda desta tipologia a espada que São Tiago empunha, no retábulo da Igreja de Santiago do Cacém, uma obra encomendada por D. Vataça

1 José Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa, 2.ª ed., 1981, p. 577, nota 3; Abel Viana, "A propósito de uma espada do Museu de Beja", *Revista de Guimarães*, vol. LXIII, Guimarães, 1953, pp. 183-191; Iaroslav Lebedynsky, *Armes et Guerriers Barbares au temps des grandes invasions*, Paris, Ed. Errance, 2001, p. 123.

2 Cf. Jorge de Alarcão, Robert Etienne, Adília Moutinho Alarcão e Salette da Ponte, *Fouilles de Conimbriga*, vol. VII, *Trouvailles Diverses – Conclusions Générales*, Paris, Diffusion E. de Boccard, 1979, pp. 91-92 e 95, Est. LVIII, n.º 54; *Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga. Catálogo*, Conimbriga, MMC, 1984, p. 104.

3 Ewart Oakeshott, *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002; Ewart Oakeshott, *The Sword in the Age of Chivalry*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002; Ada Bruhn de Hoffmeyer, "From Medieval Swords to Renaissance Rapier", *Gladius*, vol. II, Madrid, 1963, pp. 5-68; Ada Bruhn de Hoffmeyer, *Arms & Armour in Spain. II. A Short Survey*, Cáceres, Instituto de Estudios sobre Armas Antiguas, 1982, pp. 31-74; Ada Bruhn de Hoffmeyer, "Las armas en la história de la Reconquista", in *Las Armas en la História*, Cáceres, 1988, pp. 49-65; s/A, s.v. "Sword" in Leonid Tarassuk e Claude Blair (Ed. by), *The Complete Encyclopedia of Arms & Weapons*, New York, Simon and Schuster, 1982, pp. 465-477.

4 Ada Bruhn de Hoffmeyer, "From Medieval Swords to Renaissance Rapier", *Gladius*, vol. II, Madrid, 1963, pp. 15-16; Ewart Oakeshott, *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002, p. 70, n.º XII.5 (D. Fernando de La Cerda), p. 72-73, n.º XII.7 (Sancho IV de Castela), p. 109-110, n.º XIIIb.1 (D. Juan de Tarifa).

5 Estiveram ambas presentes na exposição *Pera Guerrejar* – cf. Mário Jorge Barroca, João Gouveia Monteiro e Isabel Cristina F. Fernandes, *Pera Guerrejar – Armamento Medieval no Espaço Português*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000, n.º 49 e 50, pp. 321-323.

6 Cf. José Morais Arnaud e Carla Varela Fernandes (Coord. de), *Construindo a Memória. As Colecções do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2005, n.º 1247, p. 342.

Lascaris de Ventimiglia, provavelmente cerca de 1330⁷. E são inúmeros os jacentes que ostentam espadas de guardas rectas – como é o caso de Rodrigo Sanches, no Mosteiro de S. Salvador de Grijó (fal. em 1245, túmulo executado c. 1260); de Domingos Joanes, na capela dos Ferreiros, anexa da Igreja Matriz de Oliveira do Hospital (jacente executado por Mestre Pêro em 1341); de Lopo Fernandes Pacheco, cujo monumento se conserva na charola da Sé de Lisboa (fal. em 1349 e túmulo criado entre esse ano e 1367), de Fernão Gonçalves Cogominho, procedente da Sé de Évora, hoje no Museu de Évora (fal. em 1364), etc. Todos estes exemplos revelam-nos que, ao longo de boa parte da nossa Idade Média – pelo menos até à segunda metade do século XIV –, a predileção dos portugueses parece ter incidido nas espadas de guardas rectas. Esta tendência não é, de resto, estranha à que se desenha um pouco por toda a Europa ao longo da Baixa Idade Média, onde se assiste a um esmagador domínio das guardas rectas, sem que estas constituam, no entanto, opção exclusiva.

A partir dos meados do século XIV começam a surgir, na Europa, algumas espadas que apresentam uma guarda recta acompanhada de outra, secundária, formada por um único elemento semi-circular, de configuração anelar. Este modelo corresponde ao tipo 4 de A. V. B. Norman, ao qual este autor atribuiu uma cronologia compreendida entre *circa* 1340 e os inícios do século XVI⁸. Pertence a esta tipologia a espada representada no Retábulo da Misericórdia de Coimbra, que retrata cenas da Vida da Virgem, e que foi pintado por João de Ruão no século XVI⁹. Este modelo assimétrico de guardas prolonga-se pelos tipos 6 e 8 da tipologia de A. V. B. Norman, que abarcam cronologias da segunda metade do século XV e dos inícios da centúria de Quinhentos. Na tipologia de Ewart Oakeshott este tipo encontra-se classificado sob o número XIX.7, ao qual o autor atribuiu uma cronologia “c. 1400-20”, um pouco mais avançada que a proposta por A. V. B. Norman para os primeiros testemunhos, mas substancialmente menos longa na sua duração¹⁰.

A confiar nas cronologias mais recuadas, poderia radicar nestes modelos o desenvolvimento de uma solução de guarda subsidiária simétrica. Essa parece ser uma conquista já do século XV, quando surgem espadas com guardas principais de configuração recta ou arqueada, nestes casos curvando-se em direcção à ponta da espada, reforçadas por guardas subsidiárias, constituídas por dois elementos curvos, mais pequenos, cujas extremidades podiam até tocar na lâmina. Ou seja, algumas espadas passaram a ter *guarda* (exterior) e *contra-guarda* ou *guarda subsidiária* (interior). Alguns autores preferem chamar *quartão* à guarda e *quartão inferior* à contra-guarda ou guarda subsidiária¹¹. À guarda exterior os autores espanhóis chamam *crúz* ou *arriaz*; à contra-guarda ou guarda subsidiária dão o nome de *patillas*. O aparecimento deste novo tipo de espadas corresponde a uma fase em que o arnês integral se difundia como equipamento militar, o que obrigava a uma utilização mais dinâmica da espada, capaz de atingir os pontos fracos da armadura protectora. Para tanto, as lâminas tornaram-se mais leves e as guardas adquiriram estes apêndices, de configuração anelar, onde o cavaleiro podia colocar o polegar e, assim, manusear a espada de uma forma mais segura. A esse novo tipo de espada deu-se, em Portugal, o nome de “*espada carangueja*”, “*africana*” ou “*espadas de guardas portuguesas*”. Entre os investigadores espanhóis elas são designadas “*espadas con patillas*”. Os ingleses chamam, a este tipo de guardas, “*crab-claw quillons*”¹².

7 Cf. o estudo decisivo de José António Falcão e Fernando António Baptista Pereira, *O Alto-Relevo de Santiago combatendo os Mouros da Igreja Matriz de Santiago do Cacém*, 2.ª ed., Beja, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja, 2001.

8 A. V. B. Norman, *The Rapier and Small-Swords (1460-1820)*, Ayer Company Publishers, 1980 (reprint Ken Trotman Publishers, 2015).

9 Encontra-se exposto no Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra – MNMC, 4098^{BIN}.

10 Ewart Oakeshott, *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002 (reprint da ed. Original de 1991), p. 204, n.º XIX-7.

11 Luís Stubbs Saldanha Monteiro Bandeira, *Glossário Armeiro (Séculos XI a XIX)*, Lisboa, Fundação Casa da Bragança, 1993, p. 87

12 Cf. Sir James Mann, *Wallace Collection Catalogues. European Arms and Armour*, vol. II, Londres, The Trustees of The Wallace Collection, 1962, p. 276, n.º A-539.

As espadas de guardas portuguesas são, portanto, espadas que apresentam um duplo sistema de guardas: uma guarda maior, exterior, mais ou menos arqueada sobre a lâmina, que pode rematar com secção recta ou em disco; e uma guarda mais pequena, subsidiária, de configuração quase semicircular, que nalguns casos chega a tocar a lâmina na zona do *ricaço* (ou *talão*), e que muitas vezes remata com pequenas esferas. Apesar do sucesso que rapidamente alcançou, o aparecimento deste tipo de espada não implicou o abandono das armas que optavam pelas guardas rectas. No *Inventário do Guarda Roupa de D. Manuel*, redigido aquando da morte do monarca, em 1521, regista-se que o *Venturoso* possuía uma “*espada douro de cruz direita de troços com maça e punho*” (ou seja, uma espada de guardas rectas) e várias espadas de “*cruz revolta*” ou de “*cabos revoltos pera baixo*” (ou seja, espadas de guardas portuguesas). À primeira tipologia obedeciam duas espadas e um estoque, ao segundo tipo pertenciam três espadas e um estoque¹³.

Tipologicamente, as *espadas de guardas portuguesas* aproximam-se do Tipo XIX.6 da monumental tipologia estabelecida por Ewart Oakeshott¹⁴; dos tipos 15 e 16 da tipologia de A. V. B. Norman¹⁵; ou do Tipo 1 do quadro estabelecido por Germán Dueñas Beraiz para as espadas espanholas dos séculos XVI e XVII¹⁶.

Ewart Oakeshott definiu o seu tipo XIX.6 a partir de um exemplar da Coleção do Instituto Valencia de Don Juan, atribuído a 1460-1480 e portador de uma inscrição, na lâmina, onde se lê o nome do seu fabricante: CATHALDO¹⁷. No verbete relativo a essa espada, Oakeshott realça o seu paralelismo com as espadas representadas nos *Painéis de S. Vicente de Fora*, de Nuno Gonçalves, pintura para a qual indicava uma cronologia “c. 1450-65”.

Por seu turno, A. V. B. Norman, que foi conservador da Wallace Collection, atribuiu o seu tipo 15, dotado de uma guarda recta, a uma cronologia entre 1465 e 1510, sublinhando uma provável origem italiana. Os exemplos convocados, maioritariamente procedentes de pinturas (a começar pelos *Painéis de S. Vicente de Fora*, aos quais atribuiu uma cronologia entre “1465-70”), misturam, no entanto, guardas curvas, com remates arredondados e guardas rectas. E, em boa verdade, a maioria das pinturas que A. V. B. Norman refere apresenta espadas com guardas curvas com remate arredondado (e não recto, como se desenha no protótipo). É a tipologia de guardas que Nuno Gonçalves pinta em quatro (das sete) espadas presentes nos *Painéis de S. Vicente de Fora* e é a solução iconografada em quase todas as pinturas invocadas por Norman (de autores como Nicolas Froment, Domenico Garganelli, Domenico Ghirlandaio e Sandro Botticelli). De entre todos os exemplos de pintura europeia referidos por Norman, o tipo 15, de guardas rectas e contraguardas anelares, está apenas claramente representado na “*Conversão de S. Paulo*”, quadro pintado por Luca Signorelli entre 1479 e 1481 (Catedral de Loreto)¹⁸. Norman acrescenta, ainda, que o único exemplar de espada do tipo 15 que conhecia era a espada de Gonzalo Fernández de Córdoba (1453-1515), *El Grã Capitan*, que, no entanto, como veremos de seguida, nos parece ilustrar melhor o seu tipo 16. O modelo de espada dotada de guardas rectas e guardas subsidiárias anelares (tipo 15) surge

13 Cf. Anselmo Braamcamp Freire, “Inventário do Guarda-Roupa de D. Manuel”, *Arquivo Histórico Português*, vol. II, Lisboa, 1904, p. 383.

14 Ewart Oakeshott, *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002, p. 203, n.º XIX-6 (reprint da ed. original de 1991).

15 A. V. B. Norman, *The Rapier and Small-Swords (1460-1820)*, London, Arms and Armour Press / New York, Arno Press, 1980 (reprint Ken Trotman Publishers, 2015), pp. 78-82.

16 Germán Dueñas Beraiz, “Introducción al estudio tipológico de las espadas españolas: Siglos XVI-XVII”, *Gladius*, vol. XXIV, Madrid, CSIC, 2004, pp. 230-231.

17 Ewart Oakeshott, *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002 (reprint da edição original de 1991), p. 203, n.º XIX-6.

18 A. V. B. Norman, *The Rapier and Small-Swords (1460-1820)*, London, Arms and Armour Press / New York, Arno Press, 1980 (reprint Ken Trotman Publishers, 2015), p. 79.

igualmente na Europa do Norte (Países Baixos e Alemanha)¹⁹. Para o seu tipo 16a, com guarda principal arqueada de remate concavo e contra-guardas anelares, A. V. B. Norman sugeriu uma datação entre o último quartel do século XV e os meados do século XVI (1550). É esta, como referimos, a tipologia da espada de *El Gran Capitán*.

Por seu turno, Germán Dueñas socorreu-se da espada de D. Gonzalo Fernández de Córdoba, *El Gran Capitán*, (1453-1515) (RAM, Inv. G 29) e da espada de Fernando, o *Católico* (1452-1516) (RAM, Inv. G 31) para definir o seu tipo 1, correspondente a espadas de guarda principal arqueada e de remate recto acompanhadas por duas contra-guardas anelares²⁰. Para além das duas espadas da Real Armería de Madrid, uma das espadas mais conhecidas deste modelo é a espada do mesmo Fernando III de Aragão, o *Católico* (1452-1516), com lâmina de aço e punho e guardas de ouro cinzelado, que se conserva na Capela Real de Granada, que é datável dos finais do século XV²¹.

Este modelo de espadas conheceu um particular sucesso na Península Ibérica e em Itália, prolongando-se em soluções tipológicas cada vez mais tardias e mais elaboradas, como as *espadas roperas* (na designação castelhana), *rapieiras* (em português), *rapiéres* (na designação francesa) ou *rapiers* (em inglês), em uso nos séculos XVI e XVII, que abarcam uma enorme diversidade de soluções, mas que preservam muitas vezes as guardas subsidiárias de tipo anelar.

Armando Almiro Canelhas empreendeu, em 1991, um estudo das espadas de *guardas portuguesas*, com um ensaio de inventário dos exemplares conhecidos e de classificação tipológica, tendo distinguido quatro subtipos diferentes²². O primeiro grupo, (A), corresponde a espadas em que as guardas exteriores ou principais se alargam progressivamente e apresentam um remate recto ou concavo. É o tipo de espada que aparece representada, por três vezes, nos *Painéis de S. Vicente de Fora*, pintados por Nuno Gonçalves e é, de alguma forma, o modelo da espada de D. Gonzalo Fernandez de Córdoba, *El Gran Capitán*. Corresponde, portanto, ao tipo XIX.6 de Ewart Oakeshott, ao tipo 16.a de A.V.B. Norman e ao tipo 1 de Germán Dueñas Beraiz.

O tipo (B) apresenta as guardas exteriores com uma curvatura pronunciada, em U, acabando por correr paralelas à lâmina da espada e rematando com discos que, normalmente, ostentam cruces vazadas. A guarda interior remata com esferas e toca a lâmina. São peças de manufactura ainda relativamente cuidada, que apenas conhecemos em Portugal. O tipo (C) abarca uma série de exemplares com a guarda principal rematando em discos circulares ornamentados com motivos gravados de forma frustre, onde predominam os cruciformes definidos por duplo traço. A guarda subsidiária, anelar, continua a rematar com esferas. Por fim, o tipo (D) de Canelhas corresponde a espadas muito semelhantes às do tipo anterior, por vezes com lâminas levemente arqueadas. Estas espadas, que Armando Almiro Canelhas designa *Africanas*, apresentam normalmente uma execução mais descuidada, correspondendo à produção alargada de espadas para dar resposta às necessidades militares do Norte de África.

Nos museus portugueses e em algumas colecções particulares existem mais de duas dezenas e meia de exemplares dos vários tipos de espada que, genericamente, apelidamos de “espadas

19 A. V. B. Norman, *The Rapier and Small-Swords (1460-1820)*, London, Arms and Armour Press / New York, Arno Press, 1980 (reprint Ken Trotman Publishers, 2015), pp. 78-80.

20 Sobre estas espadas veja-se o clássico Catálogo do Conde de Valência de Don Juan, *Catálogo Histórico-Descriptivo de la Real Armería de Madrid*, Madrid, 1989, pp. 211-212 (G 29) e pp. 213-214 (G 31).

21 Henrique Seruca, *Os Painéis de Nuno Gonçalves – Religião e Política*, Lisboa, Scribe, Produções Culturais, Lda., 2013, p. 84; Ada Bruhn de Hoffmeyer, “From Medieval Swords to Renaissance Rapier”, *Gladius*, vol. II, Madrid, 1963, pp. 32-33.

22 Armando Almiro Canelhas, *As Espadas dos nossos navegadores (Desde meados do Século XV ao princípio do Século XVII)*, Lisboa, Museu da Marinha, 1991 (Col. «Monografias», 10). Infelizmente o autor não facultou desenhos dos diferentes tipos.

de guardas portuguesas”, todos eles atribuídos aos finais do século XV ou já ao século XVI²³. E há representações daqueles tipos de espada em pinturas, iluminuras e tapeçarias dos finais do século XV ou do século XVI, em museus nacionais e estrangeiros. Registemos, sem a preocupação de exaustividade, os *Painéis de S. Vicente de Fora*, de Nuno Gonçalves, onde são representadas sete espadas de guardas portuguesas (correspondes a dois tipos distintos), e, atribuído ao mesmo pintor, o *S. Paulo* que se conserva no mesmo Museu, onde o Santo empunha uma espada dessa tipologia. Ou as Tapeçarias da Colegiada de Nossa Senhora da Assunção de Pastrana (Guadalajara, Espanha), que representam os feitos de D. Afonso V em Arzila e Tanger, em 1471, e onde as espadas de guardas portuguesas estão amplamente representadas²⁴.

Ao longo do seu estudo tipológico, Armando Almiro Canelhas inventariou 25 exemplares destas espadas, que aqui sistematizamos, acrescentando algumas referências bibliográficas:

Tipo A	<ul style="list-style-type: none"> – Espada procedente do túmulo de D. Manuel de Melo, fal. 1493 (Igreja do Convento de S. João Evangelista dos Lóios, Évora, exposta na Galeria de Arte da Casa do Duque de Cadaval) (publ. por: A. Belard da Costa, <i>O Mistério dos Painéis</i>, vol. III, <i>As Personagens e a Armaria</i>, Lisboa, 1959, p. 143; Túlio Espanca, <i>Inventário Artístico de Portugal</i>, vol. VII, <i>Distrito de Évora</i>, Lisboa, ANBA, 1978, p. 396; <i>A Mão que ao Ocidente o Véu Rasgou - Armaria</i>, Catálogo do Núcleo de Armaria da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Lisboa, 1983, Nº 38, p. 58). – Espada de Burçó (Mogadouro) (noticiada por Celestino Beça, “Uma Espada Antiga”, <i>O Archeólogo Português</i>, 1ª Série, vol. VII, Lisboa, 1902, pp. 209-210). – Espada procedente de um túmulo de Santarém (ex-Col. Alfredo Keil, hoje Col. R. Daenhardt) (publ. em <i>A Mão que ao Ocidente o Véu Rasgou - Armaria</i>, Catálogo do Núcleo de Armaria da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Lisboa, 1983, Nº 37, p. 57-58). – Duas espadas em colecções particulares não especificadas. 	5 ex.
Tipo B	<ul style="list-style-type: none"> – Espada do Museu Militar de Lisboa (Inv. MML, 18/378) (publ. in <i>Pera Guerrejar – Armamento medieval no Espaço Português</i>, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000, Nº 53, pp. 328-329). – Espada do Paço Ducal de Vila Viçosa (com lâmina substituída por lâmina de sabre no século XIX). – Cinco espadas em colecções particulares não especificadas. – Espada vendida em leilão não especificado, em Munique, em 1990. 	8 ex.
Tipo C	<ul style="list-style-type: none"> – Duas espadas em colecções particulares não especificadas. 	2 ex.
Tipo D	<ul style="list-style-type: none"> – Sete exemplares na Colecção do Paço Ducal de Vila Viçosa (Col. de D. Fernando de Saxe-Coburgo) (o exemplar que integra a exposição permanente foi publicado em <i>Armaria do Paço Ducal de Vila Viçosa</i>, Vila Viçosa, 2001, Nº 56, p. 36). – Espada do Museu Regional Rainha D. Leonor, em Beja (Inv. P.I. CL-SE/28-60) (publ. in <i>Pera Guerrejar – Armamento medieval no Espaço Português</i>, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000, Nº 54, pp. 329-330). – Duas espadas em col. particulares não especificadas. 	10 ex.

A estes exemplares referidos por A. A. Canelhas acrescentaríamos ainda um exemplar que se conserva no Museu Militar do Porto, com ausência das guardas subsidiárias, e um exemplar procedente de colecção particular que foi recentemente vendido em Leilão pela Leiloeira Marques dos Santos, no Porto²⁵.

23 Ada Bruhn de Hoffmeyer, que discutiu longamente a origem e a cronologia deste tipo de espadas, acabou por atribuir aos finais do século XV (Ada Bruhn de Hoffmeyer, “From Medieval Swords to Renaissance Rapier”, *Gladius*, vol. II, Madrid, 1963, pp. 32-37).

24 Cf. *A Invenção da Glória. D. Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana*, Lisboa, MNAA, 2010.

25 Cf. Marques dos Santos – *Leilões de Antiguidades e Objectos de Arte, Arte, Antiguidades e Pratas*, Catálogo do Leilão Nº 55, Porto, 27 de Fevereiro de 2018, Lote n.º 693 (Espada de guardas portuguesas com 94 cm de comprimento total).

Apesar de Armando Almiro Canelhas não ter apresentado desenhos dos diferentes tipos que definiu, procurámos reconstituir aqui os principais modelos, a que atribuímos as letras A, B e C, agrupando, neste último modelo, os tipos (C) e (D) de Canelhas, cuja individualização nos parece menos significativa (Fig. 1).

As espadas do tipo (A) revelam cronologias um pouco mais recuadas. São elas que estão representadas, por três vezes, nos *Painéis de S. Vicente de Fora*, lado a lado com outro modelo em que o remate da guarda principal é arredondado (e que foi pintado quatro vezes). Este tipo teve uma sobrevivência até épocas um pouco mais tardias, estando representado no Retábulo da Invenção da Cruz por Santa Helena, pintura de Cristóvão de Figueiredo procedente do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, executada entre 1521 e 1530, que se conserva no Museu Nacional de Machado de Castro²⁶.

A cronologia destas espadas de tipo (A) deverá corresponder ao segundo quartel do século XV ou inícios da segunda metade da centúria. Estas espadas têm grande afinidade com o exemplar do Instituto do Conde de Valência de Don Juan, cuja lâmina apresenta a inscrição CATHALDO, a que já nos referimos, e que E. Oakeshott atribuiu uma datação de “c. 1460-80”²⁷. As espadas dos tipos (B) e (C) são mais tardias e menos cuidadas, correspondendo a uma fase em que o uso da espada se começa a alargar a estratos não nobilitados da sociedade. Esta degradação da qualidade das espadas é particularmente flagrante nas espadas de tipo (C), cujos motivos ornamentais foram gravados de forma pouco cuidada. Este tipo corresponde ao modelo que normalmente é designado por “*Africanas*”.

Como referimos, a maioria dos autores concorda em atribuir estas espadas aos finais do século XV e à centúria de Quinhentos. Ewart Oakeshott e Claude Blair foram mais longe e sugeriram, ainda, uma origem espanhola, tese que acabou por colher grande aceitação entre os investigadores que, normalmente, sugerem sempre uma origem espanhola ou, em alternativa, italiana para estas tipologias.

Há, no entanto, dados documentais, sobretudo iconográficos, que permitem recuar os exemplares mais antigos deste modelo de espada para a primeira metade do século XV. Apresentamos cinco documentos iconográficos que, porque encerram dados cronológicos seguros, consideramos de grande importância:

1.º – Uma imagem de S. Paulo, em calcário, da Escola da Batalha (1440-1450), procedente da antiga coleção do Comandante Ernesto de Vilhena (MNAA, Inv. 990 Esc) (Fig. 2)²⁸.

2.º – Uma escultura de Santa Catarina, em calcário, policromada, atribuída a Mestre João Afonso, activo de 1439 a 1469, também oriunda da antiga coleção do Comandante Ernesto de Vilhena (MNAA, Inv. 1078 Esc) (Figs. 3 e 4)²⁹.

Estas duas esculturas representam os santos em pé, segurando, entre as mãos, “*espadas caranguejas*” ou “*espadas de guardas portuguesas*”. Estão actualmente expostas no 3.º andar do Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. O mesmo tipo de espada aparece representado em

26 MNMC, 2512 a 2514^{BN}.

27 Ewart Oakeshott, *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002 (reprint da edição original de 1991), p. 203, Nº XIX-6.

28 Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*, Vol. I, Séculos XII a XV, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes/Bertrand (Irmãos), Lda., 1948, p. 51; *Ai Confini della Terra. Scultura e Arte in Portogallo (1300-1500)*, A Cura di Giovanni Gentili, Milano, Electa, 2000, Nº 53, p. 134 e 243.

29 Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*, Vol. I, Séculos XII a XV, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes/Bertrand (Irmãos), Lda., 1948, p. 47; *Ai Confini della Terra. Scultura e Arte in Portogallo (1300-1500)*, A Cura di Giovanni Gentili, Milano, Electa, 2000, Nº 61, p. 142 e 244.

outras esculturas de Santa Catarina de Alexandria, dos séculos XV-XVI, como é o caso da escultura do Museu Nacional de Machado de Castro (Inv. E 42), mas, do ponto de vista cronológico, são menos esclarecedoras.

3.º – O retábulo de S. Jorge e o Dragão, procedente da Ermida de S. Jorge de Marecos (Penafiel), que hoje se expõe no Museu de Penafiel (Inv. MMPNF/1993/001195), uma obra saída da oficina de Mestre João Afonso, activo, como já se disse, entre 1439 e 1469.

S. Jorge apresenta-se a cavalo, segurando a lança na mão direita, com a qual executa o Dragão. O escudo é empunhado no braço esquerdo, e, por baixo deste, adivinha-se uma espada de guardas portuguesas embainhada (Fig. 5)³⁰.

4.º – O túmulo de D. Fernão Gomes de Góis, com jacente e epitáfio, que se conserva na Igreja Matriz de Oliveira do Conde (fig. 6). O monumento foi criado pelo já mencionado Mestre João Afonso, que nele se intitula “*Mestre dos Sinos*”, e está datado de 1439-1440. É, por isso, o mais antigo testemunho da sua actividade artística. A tampa da sepultura apresenta duas estátuas jacentes: a de Fernão Gomes de Góis e, ao seu lado esquerdo, a escultura de uma criancinha, certamente parente, com as mãos erguidas em prece. O senhor de Oliveira do Conde foi representado deitado, com cabeça apoiada sobre duas almofadas e apresentando, aos seus pés, um lebréu. O nobre enverga o seu arnês, sendo bem visíveis a couraça ou peitoral, o fraldão e os arneses de braços e de pernas, compostos por várias peças. Nas suas mãos segura uma espada que, apesar de ter parte das guardas mutilada, não deixa lugar a dúvida, pelos negativos sobreviventes, que se tratava de uma “*espada carangueja*” ou “*de guardas portuguesas*”. A confirmar, no lateral do seu sarcófago, Santa Catarina segura, entre mãos, uma espada de idêntica tipologia. Este testemunho é particularmente valioso porque o monumento está epigraficamente datado. Na realidade, ao longo do moimento encontramos três inscrições. Uma, que corre junto do bordo superior da tampa, onde se lê (começando-se pelo topo da cabeceira, passando-se para o lateral esquerdo e terminando no topo dos pés) o seguinte letreiro:

1/ AQUI : IAZ : FERNAM : GOMEZ : DE :

2/ GOÕES : CAMAREIRO : MOOR : Que : FOY : DO : MUY : NOBRE : REY : DOM : YOHAM
: DE : PORTUGAL : O QuAL : O DITO : SENHOR : REY : FEZ : CAVALEIRO : O DIA : QUE :
FILHOU : ÇEUTA : AOS : M

3/ OUROS :

No friso superior da arca tumular lê-se a legenda dos santos esculpidos:

1/ ... AM : YOHAM : AVAGELISTA : + SALVADOR : DO : MUN[do] : SAM : MATEUS : AVANGELISTA

2/ SAM : Y... : ARCANJO + BALTASAR : REY : O MOÇO + MELCHIOR : REY : MEO + G[aspaspar
rey o ve]LHO + SANCTA MARI[a ...] SAM : YOHAM APOstoLO : EVangelistA + SAM : NICO-
LA[u ...] BASTIAN : MARTIR + SanCtA : CATALIN[a ...] RA : VIRGE :

Por fim, na orla inferior da arca encontramos, na cabeceira, a conclusão da legenda que identifica os santos iconografados e, depois, ao longo do lateral maior, a inscrição que mais nos importa para este estudo:

³⁰ Cf. Mário Jorge Barroca, “S. Jorge e o Dragão: uma escultura de Mestre João Afonso procedente de Marecos (Penafiel)”, *Portvgalia*, Nova Série, vol. 36, Porto, FLUP, 2015, pp. 91-106.

- 1/ SAM [... evan]GELISTA : + O SALVADOR : DO : MUNDO : + SAM [...evan]GELISTA
2/ [ioh]AM : AFONSO : MEESTRE : DOS : SINOS : LAVROU : ESTE : MOIMENTO : E COME-
COUO : NA : ERA : DO : NA(s)CIMENTO : DE : NOS(s)O : SENHOR : I(e)H(s)U : XPO : DE
: MIL : CCCC : XXXIX : ANOS : E ACABOUO : NA : ERA : XL : COMECADO : TRES : DIAZ :
ANDAD[os] MAIO : E : POR : DOZE : MESES : EM LAVRALO : FEZ

Estas inscrições esclarecem, portanto, que se trata do túmulo de Fernão Gomes de Góis, Camareiro-Mor de D. João I, armado cavaleiro pelo monarca em Ceuta, na sequência da jornada de 15 de Agosto de 1415, e que o túmulo, executado por Mestre João Afonso, começou a ser criado em 13 de Maio de 1439 e demorou doze meses a ser concluído³¹. Do ponto de vista da História da Arte, esta inscrição ocupa um lugar especial, porque nos permite saber quanto tempo demorava, em média, fazer um sarcófago com jacente. Os dados são, de resto, coincidentes com o que nos revela a nota de encomenda do moimento de D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga, que menciona igualmente o prazo de um ano para a sua execução. Para a história do armamento tardo-medieval, a inscrição de Oliveira do Conde configura o mais antigo elemento cronológico para as *espadas de guardas portuguesas*.

5^o. O túmulo do Doutor João do Sem, originalmente presente no convento de S. Domingos, em Santarém, e actualmente depositado na igreja de S. João de Alporão, na mesma cidade (fig. 7). Este monumento encontra-se encerrado ao público, por risco de desabamento, mas obtivemos (HS) uma gentilíssima licença da Câmara Municipal de Santarém para visitar o espaço, com as devidas precauções. O jacente do Doutor João do Sem mostra uma espada de guarda dupla, de tipo “*carangueja*”, evidente apesar de fracturas e mutilações (Fig. 8). No lateral esquerdo do túmulo (Fig. 9) e na cabeceira do mesmo (fig. 20) existe uma epígrafe, em caracteres góticos minúsculos angulosos, que diz:

- 1/ AQ(u)Y JAZ O MUY ONRRADO FAMOSO DOUTor JOHAm DO SEm DO conSELHO DOS
MUJTO ALTOS EICELEnTES PODER / OSOS P(r)iNCIPES RREX DOm EDUARTE
2/ Q(ue) D(eu)S AIA Em SUA GLorIa E DEL RREY DOm AFOMso SEU FILHO E SEU CHANCE-
LER MOOR E ESTE DOUTOR COMO O LINHAGE DE / Que DECEn[de semp]RE FOROm
DO conSELHO
3/ DOS RREIX PAS(s)ADOS DESTES RREYNOS E MUJTO SEUS PrIVADOS E LEAAES SerVI-
DORES E [finou] AOS XIJ DIAS ANDADOS DO M(e)S / [de Outub]ro ANNO DE . M IIIJ .
R . IJ.

O epitáfio revela-nos, portanto, que o Doutor João do Sem faleceu no dia 12 de Outubro de 1442³².

31 A inscrição de Oliveira do Conde foi publicada por vários autores, entre os quais: Vergílio Correia, *Três Túmulos*, Lisboa, 1924, pp. 98-100 (reed. em Vergílio Correia, *Obras*, vol. V, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1978, p. 202-203); Vergílio Correia, “O Túmulo de Fernão Gomes de Góis, Senhor de Oliveira do Conde”, *Diário de Coimbra*, ed. de 31 de Agosto de 1936 (reed. em Vergílio Correia, *Obras*, vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1953, p. 58-59); GEPB, s.v. “Góis (Fernão Gomes de)”, vol. XII, p. 497; Pedro Dias, “Notas para o estudo da condição social dos artistas medievais de Coimbra”, *Actas das 1as Jornadas o GAAC*, Coimbra, 1979, p. 116-117; António Nogueira Gonçalves, “Datas gravadas em esculturas coimbrãs do século XV”, *Estudos de História da Arte Medieval*, Porto, 1980, p. 295. O túmulo encontra-se igualmente referido em Reinaldo dos Santos, *A Escultura em Portugal*, Vol. I, *Séculos XII a XV*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes/Bertrand (Irmãos), Lda., 1948, pp. 42-43; Pedro Dias, *O Gótico*, vol. 4 de *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Alfa, 1986, p.133; Carlos Alberto Ferreira de Almeida e Mário Jorge Barroca, *O Gótico*, vol. 2 de *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Ed. Presença, 2002, pp. 244-245; Maria José Goulão, *Expressões Artísticas do Universo medieval*, vol. 4 de *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*, Lisboa, Fubu Editores, 2009, p. 110-111.

32 A inscrição do Doutor João do Sem foi publicada por Joaquim Veríssimo Serrão, *Santarém. História e Arte*, 2^a ed., Santarém, 1959, p. 140.

Três dos cinco documentos iconográficos aqui arrolados já tinham sido referidos numa publicação editada, por um de nós, em 2013³³. No seu conjunto, estes cinco testemunhos iconográficos ostentam representações de espadas de guardas portuguesas e têm uma cronologia anterior a 1469, em três casos seguramente ainda na primeira metade do século XV. Dois desses exemplos – os túmulos de Fernão Gomes de Góis e do Doutor João do Sem – estão mesmo datados por epígrafes, que revelam datações seguras: 1439-40 e 1442. Eles parecem, portanto, documentar que, no segundo quartel do século XV, esta tipologia de guardas de espadas já estava difundida no espaço português. Estes dados levam-nos a sugerir a possibilidade de as espadas de guarda dupla, que entre nós são conhecidas como “*espadas de guardas portuguesas*” ou, mais popularmente, como “*caranguejas*”, possam afinal ter uma origem portuguesa, o que explicaria o enorme sucesso que este modelo alcançou, na segunda metade da centúria, em solo português e ibérico.

Se pensarmos nas campanhas africanas, iniciadas em 1415, com a conquista de Ceuta³⁴, na tentativa frustrada em 1437 da conquista de Tânger, na preparação das armadas portuguesas no final da Idade Média³⁵, não é de surpreender que tenham ocorrido inovações nos meios bélicos. Nessa época existiu uma enorme actividade na manufactura portuguesa de armaria, com numerosas oficinas a trabalhar em todo o país, com ajuda de armeiros sevilhanos e toledanos, que, a par de importações da Flandres, de Itália, da França e de Castela³⁶, garantiam o abastecimento das armadas portuguesas.

Se se comprovar que a *espada de guarda dupla* surgiu na primeira metade do século XV em Portugal, divulgando-se depois no resto da Europa, particularmente na Península Ibérica e em Itália, a designação de *espada de guardas portuguesas*, pela qual também é conhecida entre nós, não podia ser mais adequada...

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a César Guedes a realização dos desenhos da Fig. 1, que tanto valorizam este texto. Agradecem igualmente ao Doutor Álvaro Soller del Campo, da Real Armeria de Madrid, as observações que contribuíram para o enriquecimento deste texto.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert; ALARCÃO, Adília Moutinho; PONTE, Salette da (1979), *Fouilles de Conimbriga*, vol. VII, *Trouvailles Diverses – Conclusions Générales*, Paris, Diffusion E. de Boccard.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge (2002), *O Gótico*, vol. 2 de *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Ed. Presença.

33 Cf. Henrique Seruca, *Os Painéis de Nuno Gonçalves – Religião e Política*, Lisboa, Scribe, Produções Culturais, Lda., 2013, pp. 82-92.

34 Vd. Gomes Eanes de Zurara, *Crónica da Tomada de Ceuta*, ed. de Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1916; José Loureiro dos Santos, *Ceuta 1415 – A Conquista*, Lisboa, Tribuna da História, 2007; Luís Miguel Duarte, *Ceuta 1415 – Seiscentos anos depois*, Lisboa, Livros Horizonte, 2015; João Gouveia Monteiro e António Costa Martins, *1415 – A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito, 2015.

35 Amândio Barros, “A Preparação das Armadas no Portugal de Finais da Idade Média”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série de História*, 2ª Série, vol. 7, pp. 101-132.

36 Cf. F. M. Sousa Viterbo, *A Armaria em Portugal. Notícia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1907. Vd. tb. João Gouveia Monteiro, *Armeiros e Armazéns nos Finais da Idade Média*, Viseu, Palimage Editores, 2001 (reed. do texto publicado in *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela, 2000).

- ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla Varela (Coord. de) (2005), *Construindo a Memória. As Coleções do Museu Arqueológico do Carmo*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- BANDEIRA, Luís Stubbs Saldanha Monteiro (1993), *Glossário Armeiro (Séculos XI a XIX)*, Lisboa, Fundação Casa de Bragança.
- BARROCA, Mário Jorge (2015), “S. Jorge e o Dragão: uma escultura de Mestre João Afonso procedente de Marecos (Penafiel)”, *Portvgalia*, Nova Série, vol. 36, Porto, FLUP, pp. 91-106.
- BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina F. (Coord. de) (2000), *Pera Guerrejar – Armamento Medieval no Espaço Português*, Palmela, Câmara Municipal de Palmela.
- BARROS, Amândio (1990), “A Preparação das Armadas no Portugal de Finais da Idade Média”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Série de História*, 2.ª Série, vol. 7, pp. 101-132.
- CANELHAS, Armando Almiro (1991), *As Espadas dos nossos navegadores (Desde meados do Século XV ao princípio do Século XVII)*, Lisboa, Museu da Marinha, (Col. «Monografias», 10).
- CORREIA, Vergílio (1953), “O Túmulo de Fernão Gomes de Góis, Senhor de Oliveira do Conde”, *Diário de Coimbra*, ed. de 31 de Agosto de 1936 (reed. em Vergílio Correia, *Obras*, vol. III, Coimbra, Imprensa da Universidade, p. 58-59)
- CORREIA, Vergílio (1978), *Obras*, vol. V, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- CORREIA, Vergílio (1924), *Três Túmulos*, Lisboa.
- DIAS, Pedro (1979), “Notas para o estudo da condição social dos artistas medievais de Coimbra”, sep. de *Actas das 1.ªs Jornadas o GAAC*, Coimbra.
- DIAS, Pedro (1986), *O Gótico*, vol. 4 de *História da Arte em Portugal*, Lisboa, Alfa.
- DUARTE, Luís Miguel (2015), *Ceuta 1415 – Seiscentos anos depois*, Lisboa, Livros Horizonte.
- DUEÑAS BERAIZ, Germán (2004), “Introducción al estudio tipológico de las espadas españolas: Siglos XVI-XVII”, *Gladius*, vol. XXIV, Madrid, CSIC, pp. 209-260.
- FALCÃO, José António; PEREIRA, Fernando António Baptista (2001), *O Alto-Relevo de Santiago combatendo os Mouros da Igreja Matriz de Santiago do Cacém*, 2.ª ed., Beja, Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp (1904), “Inventário do Guarda-Roupa de D. Manuel”, *Arquivo Histórico Português*, vol. II, Lisboa, pp. 381-417.
- GEPB – s.v. “Gois (Fernão Gomes de)”, vol. XII, Lisboa, 1945-60, p. 497.
- GONÇALVES, António Nogueira (1980), “Datas gravadas em esculturas coimbrãs do século XV”, *Estudos de História da Arte Medieval*, Porto, p. 295.
- GOULÃO, Maria José (2009), *Expressões Artísticas do Universo medieval*, vol. 4 de *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*, Lisboa, Fubu Editores, p. 110-111.
- HOFFMEYER, Ada Bruhn de (1963), “From Medieval Swords to Renaissance Rapier”, *Gladius*, vol. II, Madrid, pp. 5-68.
- HOFFMEYER, Ada Bruhn de (1988), “Las armas en la história de la Reconquista”, in *Las Armas en la História*, Cáceres, pp. 49-65
- HOFFMEYER, Ada Bruhn de (1982), *Arms & Armour in Spain. II. A Short Survey*, Cáceres, Instituto de Estudios sobre Armas Antiguas.

- LEBEDYNSKY, Iaroslav (2001), *Armes et Guerriers Barbares au temps des grandes invasions*, Paris, Editions Errance.
- MANN, Sir James (1962), *Wallace Collection Catalogues. European Arms and Armour*, 2 vols., London, The Trustees of The Wallace Collection (com *Supplement*, by A. V. B. Norman, London, Printed for The Trustees by Balding + Mansell Limited, 1986).
- [Marques dos Santos – Leilões de Antiguidades e Objectos de Arte], *Arte, Antiguidades e Pratas*, Catálogo do Leilão N.º 55, Porto, 27 de Fevereiro de 2018.
- MONTEIRO, João Gouveia (2001), *Armeiros e Armazéns nos Finais da Idade Média*, Viseu, Palimage Editores.
- MONTEIRO, João Gouveia; MARTINS, António Costa (2015), *1415 – A Conquista de Ceuta*, Lisboa, Manuscrito.
- NORMAN, A. V. B. (1980), *The Rapier and Small-Sword, 1460-1820*, London, Arms and Armour Press / New York, Arno Press (reprint, Ken Trotman Publishers, 2015).
- OAKESHOTT, Ewart (1991), *Records of the Medieval Sword*, Woodbridge, The Boydell Press, 2002 (reprint da 1.ª ed.).
- OAKESHOTT, Ewart (2002), *The Sword in the Age of Chivalry*, Woodbridge, The Boydell Press.
- S/A (1982), s.v. “Sword” in Leonid TARASSUK e Claude BLAIR (Ed. by), *The Complete Encyclopedia of Arms & Weapons*, New York, Simon and Schuster, pp. 465-477.
- S/A (1984), *Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga. Catálogo*, Conimbriga, MMC.
- S/A (2000), *Ai Confini della Terra. Scultura e Arte in Portogallo (1300-1500)*, A Cura di Giovanni Gentili, Milano, Electa.
- S/A (2010), *A Invenção da Glória. D. Afonso V e as Tapeçarias de Pastrana*, Lisboa, MNAA.
- SANTOS, José Loureiro dos (2007), *Ceuta 1415 – A Conquista*, Lisboa, Tribuna da História.
- SANTOS, Reinaldo dos (1948), *A Escultura em Portugal*, Vol. I, *Séculos XII a XV*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes/Bertrand (Irmãos), Lda.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (1959), *Santarém. História e Arte*, 2.ª ed., Santarém.
- SERUCA, Henrique (2013), *Os Painéis de Nuno Gonçalves – Religião e Política*, Lisboa, Scribe, Produções Culturais, Lda.
- VALÊNCIA DE DON JUAN, Conde (1898), *Catálogo Histórico-Descriptivo de la Real Armería de Madrid*, Madrid, 1898 (Reprint, Valladolid, Editorial Maxtor).
- VASCONCELOS, José Leite de (1981), *Religiões da Lusitânia*, 3 vols., Lisboa, 2.ª ed., INCM.
- VIANA, Abel (1953), “A propósito de uma espada do Museu de Beja”, *Revista de Guimarães*, vol. LXIII, Guimarães, pp. 183-191.
- VITERBO, F. M. Sousa (1907), *A Armaria em Portugal. Notícia documentada dos fabricantes de armas brancas que exerceram a sua profissão em Portugal*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- ZURARA, Gomes Eanes de (1916), *Crónica da Tomada de Ceuta*, ed. de Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.

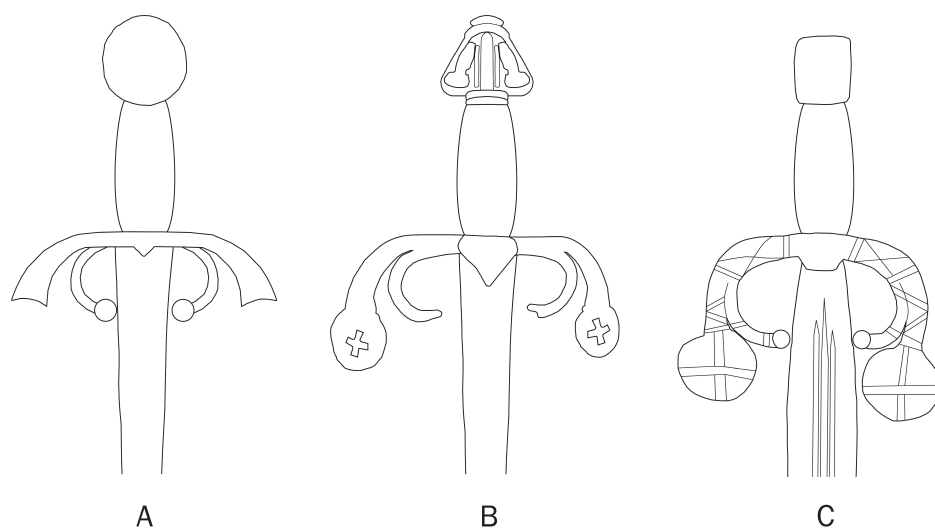


Fig. 1: Tipologia das «*espadas de guardas portuguesas*» (desenhos de César Guedes).

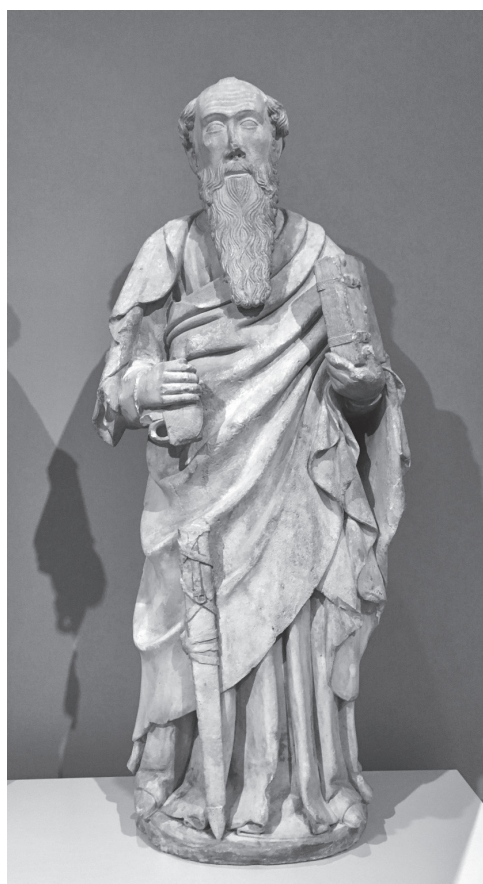


Fig. 2: S. Paulo, escultura em calcário, Oficina do Mosteiro da Batalha (1440-1450) (antiga Coleção do Comandante Ernesto de Vilhena, MNAA, Inv. 989 Esc).



Fig. 3: Santa Catarina, escultura em calcário, policromada, atribuída a Mestre João Afonso, com actividade documentada de 1439 a 1469 (antiga coleção do Comandante Ernesto de Vilhena, MNAA, Inv. 1078 Esc).



Fig. 4: Pormenor da escultura representada na fig. 3.



Fig. 5: Pormenor do Retábulo de S. Jorge e o Dragão, da Ermida de Marecos (Museu Municipal de Penafiel, Inv. MMPNF/1993/001195).



Fig. 6: Túmulo de D. Fernão Mendes de Góis, na Igreja Matriz de Oliveira do Conde, criado entre 1439 e 1440 por João Afonso, Mestre de Sinos, segundo o registo epigráfico.



Fig. 7: Túmulos dos Doutores Martim e João do Sem, provenientes do extinto Convento de S. Francisco e depositados na Igreja de S. João de Alporão, em Santarém.



Fig. 8: Pormenor do jacente do Doutor João do Sem com a mão direita segurando uma espada de guardas portuguesas (Igreja de S. João do Alporão, Santarém).



Fig. 9: Lateral do túmulo do Doutor João do Sem, com registo epigráfico que se prolonga pela cabeceira do túmulo (Igreja de S. João do Alporão, Santarém).



Fig. 10: Cabeceira do túmulo do Doutor João do Sem, com inscrição epigráfica indicando a data de 1442 (Igreja de S. João do Alporão, Santarém).

